



escrita 10

guatá - cultura em movimento

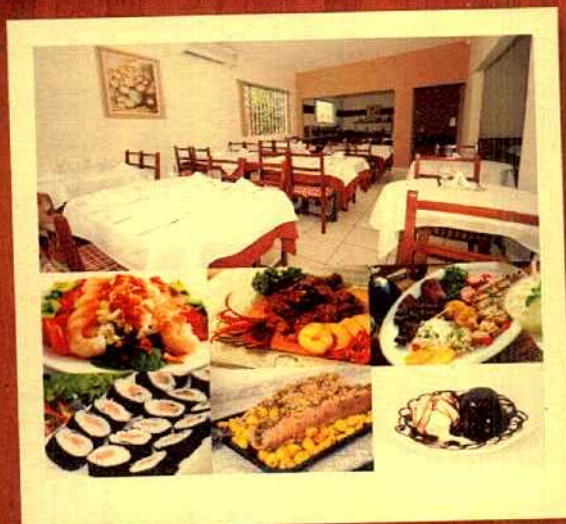
olhos

Áurea Cunha
Harry Schinke
Iara Abreu
Julio Cesar Fornari
Luciana Chiyo
Maria Angélica Chiang
Maria Cheung
Maria Fiorato
Sérgio Takahashi

palavra

Carlos Luz
Carol Miskalo
Célia Musilli
Emerson Dias
Fábia Tonin
Jamil Snege
Letícia Lichacovski
Nathalie Husson Granzotto
Nela Rios
Paulo Bogler
Pedro Lichtnow
Silvio Campana
Vivian Renata Magalhães

SABOR, CONFORTO E PRATICIDADE NO SEU DIA-A-DIA!



ESTACIONAMENTO EXCLUSIVO - AMBIENTE CLIMATIZADO



TELEFONE: (45) 3025.7706 | **DE SEGUNDA A SÁBADO,**
DAS 11:30 ÀS 15 HORAS
dendenaboamesa@gmail.com

Rua Quintino Bocaiúva, 873
Centro, Foz do Iguaçu, Pr.

CENTRO-1

Edmundo de Barros, 24, esquina com Brasil
Fone: 3028.9803 - Atendimento 24h
Todos os dias da semana, inclusive feriados

CENTRO-2

Santos Dumont, 1213 (ao lado da igreja Ceifa)
Disk Entrega: 3027.5583
Segunda a Sábado: das 9 às 23h30
Domingos e feriados: das 17 às 23h30

REPÚBLICA

República Argentina, 3567
Disk Entrega: 3025.1330
Segunda a Sábado: das 7 às 24h
Domingos e feriados: das 17 às 24h

VILA PORTES

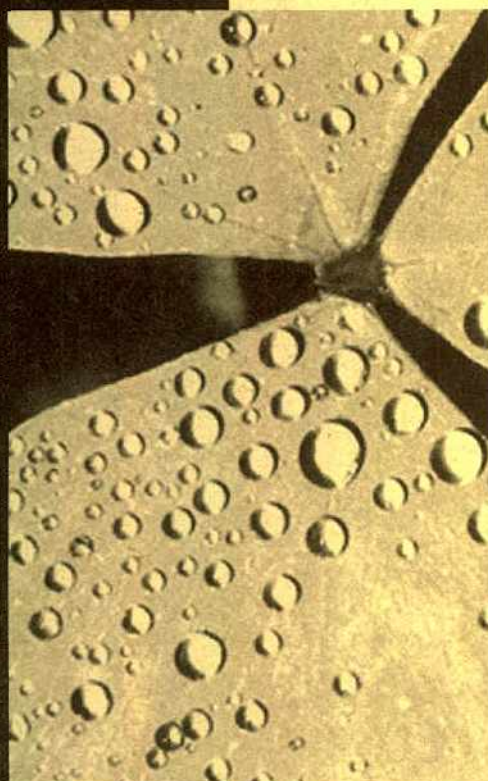
Fagundes Varela, 962
Fone: 3028.9811
Segunda a Sexta: das 6 às 18h
Sábado: das 6 às 16h30



Entrega terceirizada

A casa das palavras

Eduardo Galeano



trevo

Áurea Cunha

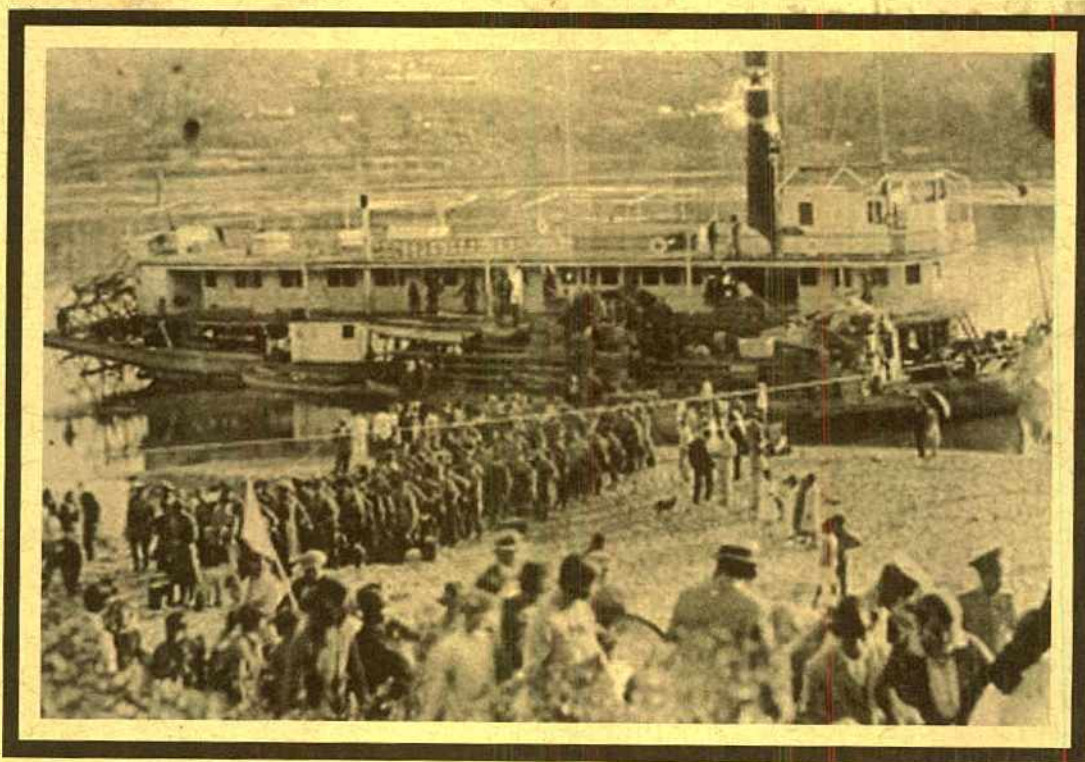
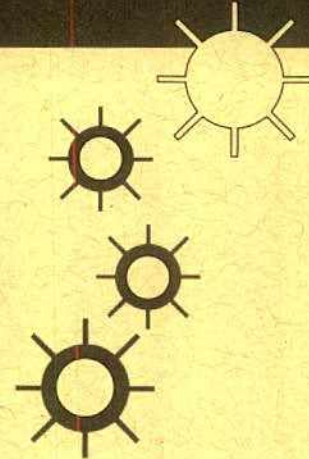
Na casa das palavras, sonhou Helena Villagra, chegavam os poetas. As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido.

Na casa das palavras havia uma mesa das cores. Em grandes travessas as cores eram oferecidas e cada poeta se servia da cor que estava precisando: amarelo limão ou amarelo-sol, azul do mar ou de fumaça, vermelho-lacre, vermelho-sangue, vermelho-vinho...

Texto extraído do livro "Mulheres" (tradução: Eric Nepomuceno) (L&PM Editores, 1997)



Eduardo Galeano, uruguaio, é escritor.
Áurea Cunha, brasileira, é fotojornalista.

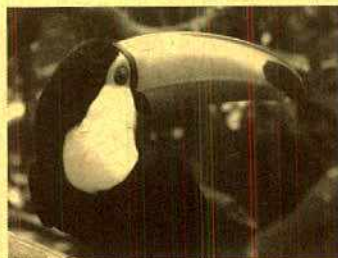


memória

1932: o desembarque da Companhia Independente de Fronteira, em Foz do Iguaçu, é festejado por populares. Autor: Harry Schinke

escrita 10

- 03 - Tirando de Letra - Eduardo Galeano
- 04 - OLHOS - Memória
- 06 - A mais líquida das mulheres - Célia Musilli
- 07 - OLHOS - Maria Fiorato
- 08 - OLHOS - Maria Angélica Chiang
- 09 - Poesia - Carol Miskalo
- 10 - OLHOS - Luciana Chiyo
- 12 - Será o Benedito? - Fábila Tonin
- 16 - E' Guatá - Parque das Aves
- 18 - Em defesa da cultura ocidental
- Nathalie Husson Granzotto
- 20 - OLHO - Julio Cesar Fornari
- 21 - Conto do Estranho - Pedro Lichtnow
- 22 - O ciclista - Jamil Snege
- 24 - OLHO - Sérgio Takahashi
- 25 - Estrangeiro na Fronteira - Emerson Dias
- 26 - Poesia - Carlos Luz
- 27 - OLHO - Maria Cheung
- 28 - Poesia - Vivian Renata Magalhães
- 29 - OLHOS & PALAVRA
Iara Abreu e Nela Rios
- 30 - Um toque - Paulo Bogler



Na capa:



"Nui", que em língua chinesa quer dizer mulher, é o nome da instalação criada pela escultora Maria Cheung, para tratar da opressão às mulheres.

É de encher os olhos

A beleza das aves brasileiras e de animais vindos de outros continentes está à espera de sua visita no Parque das Aves.

Temperatura, textura, interpretação. Luz, sombra, coração. Forma, linguagem, conceituação. Estilo, temática, confecção.

Poesia, imagem, pão. Tempo, espaço, clarividência, indignação. Acaso, trabalho, inspiração. Síntese, prolixidade, cooperação. Grito, silêncio, expressão. Como disse o poeta, as palavras e as cores sempre esperam ansiosas por quem as façam distribuir amplitude e significado. E então saímos a buscar pela engenharia de autores que contam as coisas à sua maneira.

Da irreverência de Jamil Snege à reflexão madura sobre dor e opressão que Maria Cheung faz em seu trabalho (capa desta edição), reunimos um mosaico rico de olhos e palavras. Nesta Escrita, a de número 10, também temos uma transformação gráfica. Optamos por papel reciclado, adequando assim nossa lida às, também nossas, preocupações ambientais. Apreciem.

 **Silvio Campana**

Éscrita é uma publicação da **Associação Guatá - Cultura em Movimento**, entidade de finalidade artístico cultural, sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Silvio Campana

Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131.

Revisão: Paulo Bogler - **Foto da Capa:** Maria Cheung

Projeto Gráfico: Silvio Campana

Colaboram nesta edição:

Áurea Cunha, Carlos Luz, Carol Miskalo, Célia Musilli, Emerson Dias, Fábila Tonin, Júlio César Fornari, Letícia Lichacovski, Luciana Chiyo, Maria Angélica Chiang, Maria Cheung, Maria Fiorato, Nathalie Husson Granzotto, Paulo Bogler, Pedro Lichtnow, Sérgio Takahashi e Vivian Renata Magalhães.

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal
Tiragem desta edição: 2.000 exemplares

Visite-nos:

www.guata.com.br

Contate-nos:

guata@guata.com.br

Guatá
cultura em movimento

escrita 05

A mais líquida das mulheres

O pensamento queria pausa. Mas o que é o pensamento quando o rio quer seguir o fluxo? O pensamento é frágil como um dique improvisado.

Era tudo muito forte. Havia a confluência do Ganges e do Nilo, do Amazonas e do Yangtzé, o maior rio da China. Todos corriam para o mar. Àquela hora era ela a mais líquida das mulheres, aquela que verte o choro e ainda tem os líquens e os orvalhos. Esta natureza de água decerto era um risco no mundo sem muitas fontes. Era um contraste. Tudo muito seco e inóspito, e tudo ansiava por água que seria sorvida por uma sede de terra antiga. Porque havia os desertos humanos.

Parecia não ter fim aquela sede do mundo e a mulher-água tinha muitos afluentes: ternura e graça, poesia e maciez na língua, oásis e plantas irrigadas. Mas assim que toda a verve líquida desejava correr em fluxo contínuo, rochas obrigavam a água a estancar e a se repartir, perdendo força, transformando-se de novo em pequenos lagos isolados. A natureza seguia seu curso em vários movimentos, muitas vezes contrariando a si mesma. Estancava quando queria puxar. Até que, aqui e ali, uma nova reunião das águas se transformava numa cascata que arrebatava as emoções sutis. A ternura e a graça, a poesia e a maciez da língua, os oásis mais puros e as plantas irrigadas, tudo exposto à tempestade.

Quando chegava neste ponto, para não sucumbir à brutalidade delicada de sua própria natureza, a mulher-água se recolhia e deixava-se levar pelo rio interior onde a emoção contínua transformava-se num pensamento quase ordenado. Havia palavras para colocar pingos nos is, gotas na chuva, moléculas no oceano. Vistas assim como moléculas que se juntam num determinado instante, as águas não eram tão assustadoras, porque a água, como se sabe, tem duas naturezas: uma de riacho doce, um convite de Oxum, outra de onda marítima de arrebanhar diques, cidades e civilizações.

Quando a onda gigante se insinua sobre os portos, as

embarcações batem seus cascos duros. Um atrito de arrebatamento, impacto perigoso como as tempestades tropicais, produzidas por elementais que chamam ventos e os comandam por tempo indeterminado. Pode durar dias ou horas, nunca se sabe.

Na mitologia dos sentimentos há um balé exigente dançado na ponta dos pés, quando os excessos são recolhidos em garrafas, destas que se lançam ao mar para que se cumpram os acasos. Trata-se de um rito de passagem, ninguém sabe do que para que, mas há transformações. Algumas mensagens nunca chegam, batem nas rochas e se transformam em palavras de vidro moído, estilhaços que cortam deixando cicatrizes finas, quase imperceptíveis depois que secam ao sol.

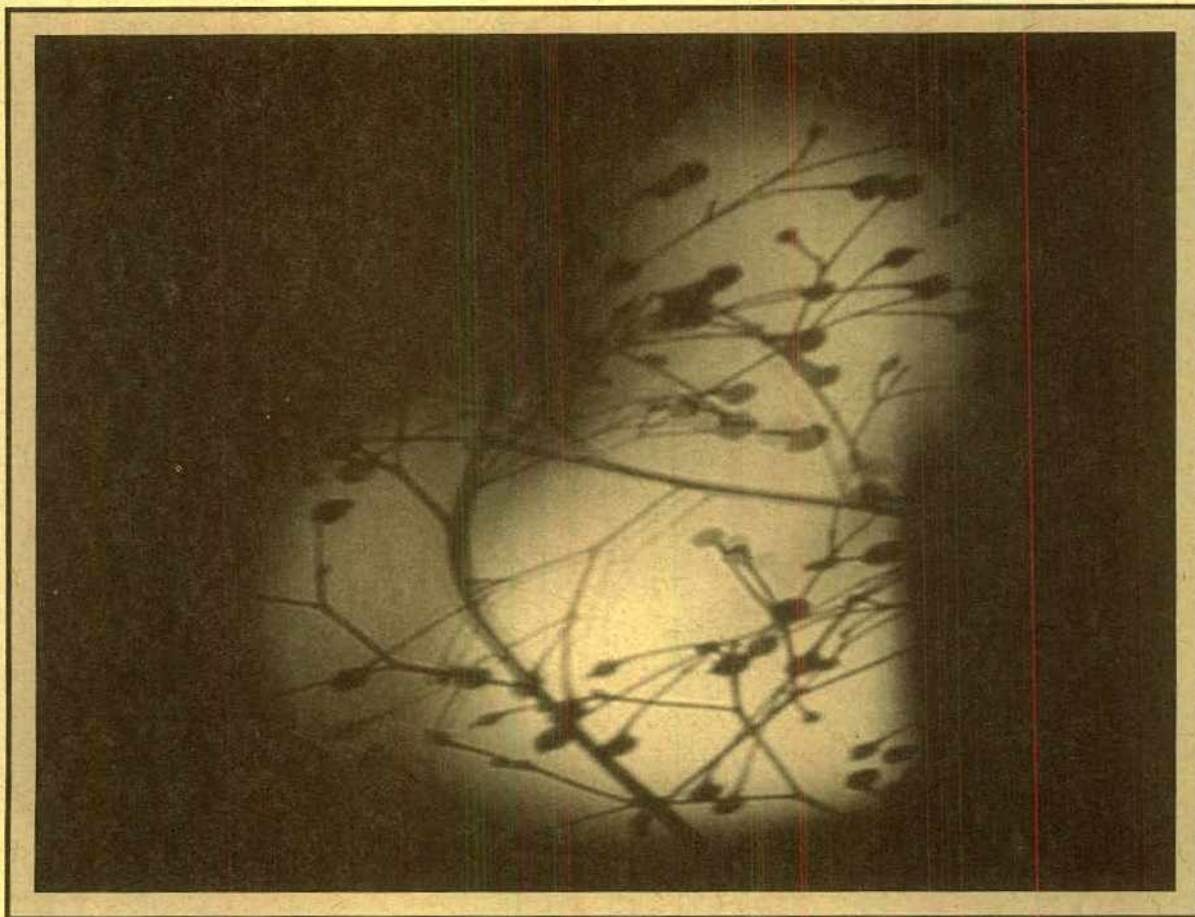
Mas algumas mensagens chegam como códigos de sobrevivência que avançam pelos sete mares, contornam as ilhas, ludibriam a besta e seguem levadas pela casualidade até uma praia mansa, onde toda angústia é espuma. Ninguém imagina que a espuma, que carrega algas e conchas, passou por perigos que têm a ver com o desejo de fluxo, quando as águas começam a formar ondas, redemoinhos, com a força centrípeta puxando e as possibilidades de flutuar parecendo impossíveis.

A mulher-água, com toda sua emoção, depois que corre junto ao Ganges e ao Nilo, encontra a resistência das montanhas, se revolta, se reparte para seguir seu curso, cai em cascata, despenca em abismo, reúne outra vez os afluentes, rumo para o oceano, provoca as ondinas, dança o balé das ninfas, bebe o sangue das bestas, apazigua-se em espuma – ninguém sabe mas a espuma contém algas e conchas – e quebra-se num remanso de praia onde se deita exausta.

Sua natureza é de onda e quando as rochas enfim a recolhem, como se ela fosse ficar ali, ela já partiu, fazendo o caminho de volta ao Ganges e ao Nilo para providenciar a sementeira dos sentimentos sobre a terra inóspita, os desertos humanos. Assim, apesar de todos os obstáculos, fertiliza para sempre e sempre o renascimento. ☀

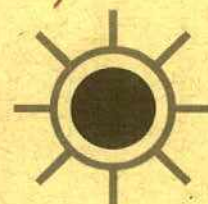


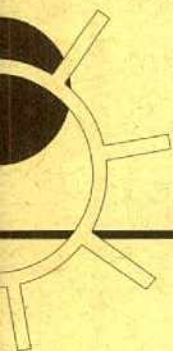
Célia Musilli é jornalista e escritora em Londrina, Pr.



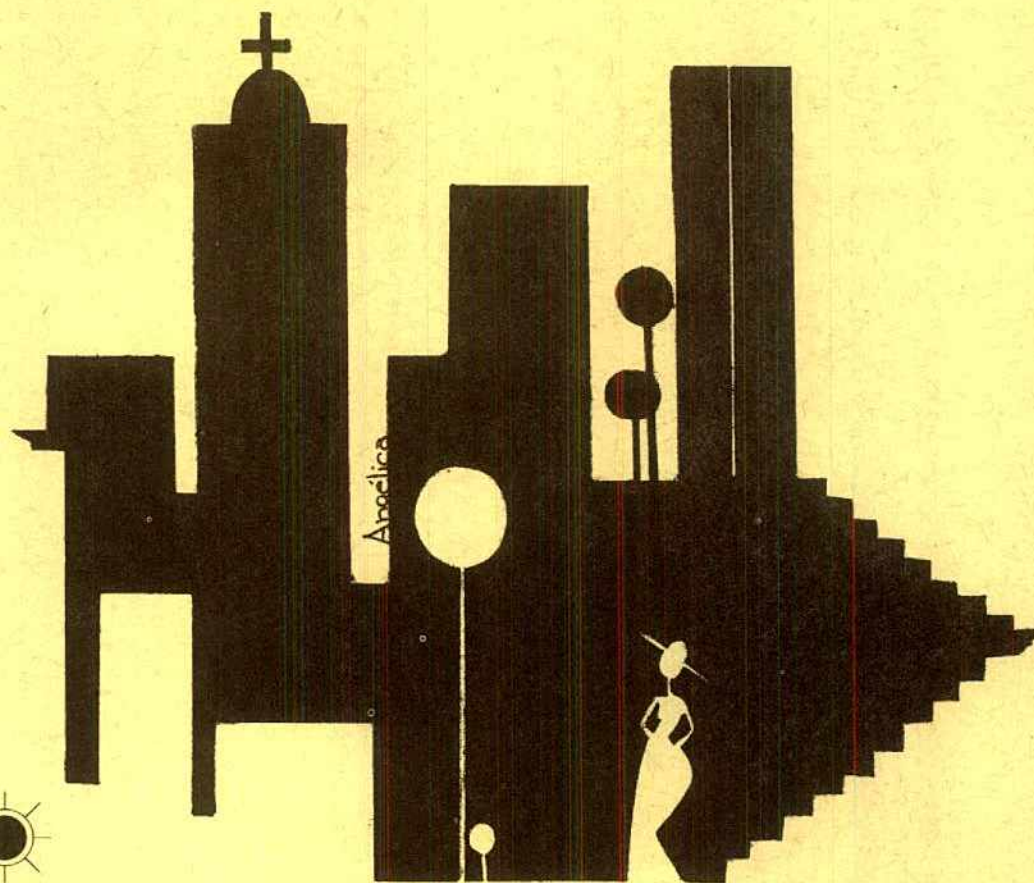
efêmera porcelana

Fotografia de Maria Fiorato, historiadora e agente cultural em Londrina, Pr.





olhos

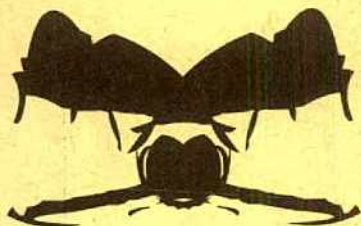
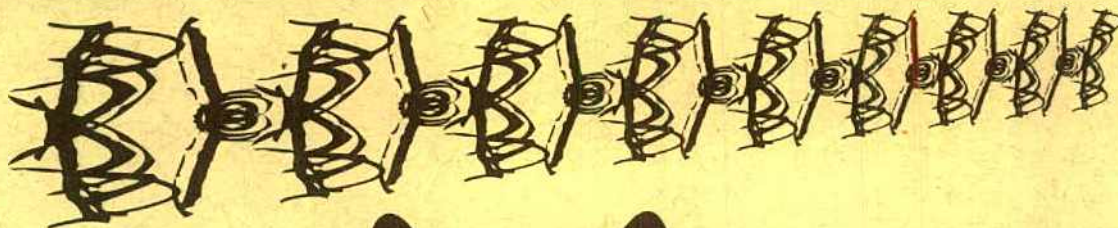


olhos

urbana

Desenho de Maria Angélica Chiang, comerciária em Foz do Iguaçu, Pr.

08 *escrita*



50% OFF

In the store
 Eu li Sold Out
 In the street
 Ouvi É UM ASSALTO
 50% off
 É a liquidação
 Da crise, do grito
 Da arma na mão
 What you see
 Atrás da vitrine
 As roupas da moda
 Ou a cena do crime

Fotografei

Seu sorriso cínico
 Sua insatisfação
 A sua autoridade
 E a sua negação
 Um homem de trinta
 Careta e carente
 Uma mulher de vinte
 Triste e doente



minimamente poético

viagem
 teu corpo vai
 fica o coração

De que vale

O sorriso
 Sem esperança
 O braço
 Sem força
 De que vale?
 O corpo
 Sem coragem
 Os pés
 Sem caminho
 De que vale?
 Os olhos
 Sem brilho
 A boca
 Sem palavras
 De que vale?
 O coração
 Sem sentimento
 A mente
 Sem pensamento
 De que vale?
 O homem
 E o vazio do seu silêncio...
 De que vale?



Carol Miskalo é estudante de Letras
 e ativista cultural em Foz do Iguaçu, Pr.

TERMOFOZ

Comércio de Aquecedores Ltda.

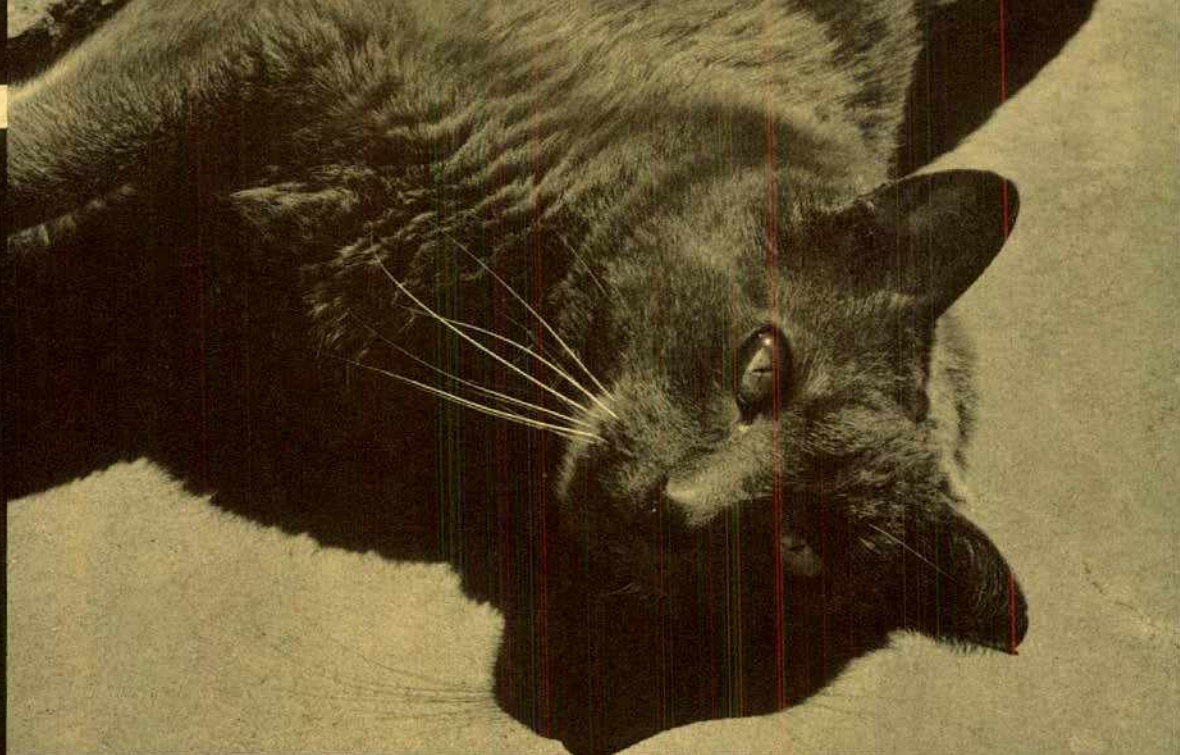
Walk Mat Solar e
 Manutenção Industrial

**Aquecedores
 convencionais,
 termodinâmicos
 e a vácuo**

**Placa solar
 a vácuo**

(45) 3028.5324

Rua Castelo Branco, 764
 Centro
 Foz do Iguaçu - Pr.



gigi
& marcelas



10 *escrita*

o outro lado



bem-te-vis

Fotografias digitais de Luciana Chiyo, médica veterinária em Foz do Iguaçu, Pr.

Será o Benedito?

⦿ aviso de retirada de correspondência chegara no final da tarde e naquela noite, Ana Maria não pregara os olhos. Parecia que o mostrador do relógio de cabeceira levava uma eternidade para acusar o minuto seguinte.

Nem conseguia se lembrar da última vez que recebera alguma remessa ou algo que o valha.

Vivia só naquela minúscula cidade onde nada acontecia e como já passasse dos trinta, era inevitável que aquele pedacinho de papel avisando que alguém tinha uma mensagem para ela, funcionasse como um passaporte para o sonho. Lia e relia seu nome o campo do destinatário como que para se certificar que se tratava dela mesmo.

Uma madrugada estranha aquela que misturava um tanto de ansiedade prazerosa e impaciência.

Em vão, tentava fazer com que o sono viesse e quase sem perceber se flagrava divagando, tentando imaginar quem poderia ser o remetente.

Na verdade, talvez nem quisesse mesmo dormir, por isso prolongava aquela sensação de espera por algo que julgava excitante. Num instante buscava o relógio, constatando que nem um quarto de hora havia se passado.

As vezes vinham uns lampejos de auto crítica e se sentia meio boba, logo um canto de riso surgia, denunciando que estava era comemorando aquilo tudo.

Solitária que era, desenvolvera uma infinidade de artifícios que a distraíam e ajudavam a arrastar seus dias aborrecidos, assim, passava das duas horas quando tentava adivinhar quantas frestas eram reproduzidas na parede pela sombra da veneziana.

Sempre sonhara que algum acontecimento inesperado mudasse totalmente o rumo de sua insossa existência, algo como o que lia nos romances açucarados que avidamente devorava nas noites de sábado. Seus dias de folga se resumiam aos livros e às compras da semana onde trocava quase sempre as mesmas frases com a dona do mercado. Tudo tão banal...

Agora talvez estivesse a poucas horas de algo novo, emocionante, arrebatador. Ah, afinal a vida podia sim, ser boa como nos folhetins e com esse prenúncio de dias melhores se pôs a contar mentalmente os segundos, de modo a coincidir sua contagem com a virada do minuto.

Lentamente transcorria o passar do tempo entre idas à cozinha para um copo de água, espiadas na janela, tentativas de fechar palavras cruzadas, televisão, voltas à cama.

Sabia que uma noite em claro teria um preço, afinal a esperava um dia duro de trabalho no escritório de advocacia do Dr. Alcides, onde acumulava um sem número de funções, mas não conseguia sequer cochilar.

Lá pelas quatro horas se sentia ainda mais ansiosa, e pior, exausta, mas a essa altura já não aventava possibilidades negativas para aquela manhã tão aguardada.

Seu habeas corpus veio com o cantar do primeiro galo e de um salto, pulou da cama, agora também impulsionada pela descarga de adrenalina que só fazia crescer. Permaneceu bem uns cinco minutos de frente para o guarda-roupas com as portas abertas, tentando escolher algo apropriado para aquele dia. Sentia vontade de caprichar, queria estar bonita. Após inúmeras tentativas, finalmente decidiu por um vestido de estampa de flores miúdas e azuis que combinou com sandálias novas de salto não muito altos e de tiras finas que deixavam ver o pé magro e bonito de unhas esmaltadas em cor clara.

A agência dos Correios só abriria às nove horas, então tomou um banho bem demorado como há muito não fazia e vestiu-se.

Para o café da manhã apenas uma xícara de café puro. Nada para comer. Era sempre assim quando estava nervosa.

Pelo caminho, muitos pensamentos lhe atravessavam a cabeça sonhadora.

Embora tivesse chegado bem antes do horário de abertura, uma pequena aglomeração de pessoas já se encontrava no lado

de fora. Após angustiantes minutos, o portão foi aberto e todos se apressaram afim de retirar logo uma senha.

Só havia um atendente, aquilo iria longe, sobretudo porque a maioria era de idosos, de modo que obviamente teriam preferência no atendimento.

Procurou sentar se o mais distante possível das pessoas, não queria correr o risco de alguém puxar conversa pra falar do clima, dos preços, das últimas tragédias. Não, ela não estava pra isso.

Como aumentasse a cada instante o número de pessoas não era mais possível um isolamento, e um homem recém chegado sentou se ao seu lado. Mesmo sem olhar diretamente, de imediato reconheceu aquele perfil. Tratava-se do Benedito, um rapaz que trabalhava no único banco da cidade. Sempre nutrira uma paixão que nunca dera em nada. Até abriu uma conta que nem podia movimentar, só para vê-lo. Seria ele? Sempre a tratara muito bem, simpático, sorridente. Sabia-se que continuava solteiro e não tinha notícias de que fosse compromissado com alguém. Isso seria como ganhar na loteria. Já fazia tempo que não o via, pois sem conseguir sustento para manter a conta ativa, teve que encerra-la. Cumprimentou-a com um leve aceno de cabeça e foi só. Talvez fosse tímido, como ela mesma era. Não seria perfeito?

- D 47! Senha D47!! De tão absorta não percebera que o painel já se iluminara chamando-a.

A sensação era a de que todos à volta, percebiam sua ansiedade e trôpega, dirigiu se ao balcão.

- Sinto muito, a senhorita terá que aguardar pois já chamei o número seguinte ao seu.

Imaginando que o Benedito pudesse estar observando-a agora que ela estava lá em pé, sem poder vê-lo, agradeceu ao céus ter se posto bem vestida e endireitou a coluna tentando parecer mais elegante.

Já não se agüentava quando chegou sua vez.

Os segundos que se seguiram enquanto o funcionário checava, pareciam horas. Por fim, ele se pôs a procurar o que lhe haviam endereçado. Localizando, lhe lançou um sorrisinho que ela devolveu e nem percebeu que o deixou lá, estampado na cara até se dar conta e fixar o olhar naquele envelope. Tinha ímpetos de arrancá-lo das mãos dele.

A letra, redondinha, desenhada, quase infantil, lhe causou um certo desconforto que se acentuou quando foi informada de que deveria pagar

o selo mas isso foi logo suprimido pela emoção que sentia.

Pagou-o e agora, tinha nas mãos o que tanto esperara, mas cadê coragem para abri-lo?

Saiu rapidamente e sentou-se numa pracinha ali bem perto. Não havia muita gente, queria fazer aquilo com calma, como quem degusta um vinho precioso. Era como se borboletas passeassem dentro dela causando aquele frio na barriga que era agradável e aflitivo.

Os olhos procuraram de imediato o remetente. Olhava e não enxergava, juntava as letras e elas não eram decodificadas numa palavra, num nome. Nesse momento surge uma figura do nada, a Luzia. Embora pachorrenta, sempre aparecia assim, sem ninguém esperar. Era um tipo detestável, dessas que ninguém quer encontrar. Uma mulher rechonchuda e rosada, adorava saber da vida alheia e não raro tecia comentários maldosos a respeito de tudo e de todos. A vontade era saltar para atrás de algum arbusto, mas sabia que não teria sucesso, Luzia jamais perdia de vista um alvo. Foi assim que resignada a saudou e teve que ouvir dela o quanto parecia pálida e magrinha e ainda anotar o nome e endereço de um médico ma - ra - vi - lho - so!. Suspirou aliviada quando se juntou a elas a





SEBO FÓZ

COMPRA, VENDA E TROCA DE LIVROS USADOS

(45) 3523.2393

Travessa Cristiano Weirich, 91
Ed. Metrópole - Térreo - Sala 71
Centro - Foz do Iguaçu - Pr.

MEGAFONE



**Projeto
de comunicação
cidadã**

www.megafone.inf.br

UIVEIRO

Falls Park

Mudas frutíferas
e ornamentais

**Fones: (45) 3573.1044
e 9124.6802**

Rua Itapemirim, 101
Beverly Falls Park
Foz do Iguaçu - Pr.

IguassuAIR
Journal

<http://www.iguassuair.com>



Cilene, vizinha da Luzia, dando conta de um furdunço na porta da quitanda e lá se foram as duas, esbaforidas, afim de não perder nada do ocorrido.

O envelope a essa altura já estava retorcido entre os dedos. Desamassou-o e pôde agora lê-lo, de uma só vez.

Algo como um soco no estômago acometeu-a, faltou lhe o ar... Zuleika e Detinha Armarinho e Confeções?? Recobrada e já sentindo a raiva tomar conta, rasgou o papel e leu o conteúdo:

“Nossos clientes são especiais para nós e não poderíamos deixar de cumprimentá-la pela proximidade de seu aniversário.

Parabéns, muitas felicidades.

Aproveite, faça-nos uma visita e confira nossas ofertas.”

Atônita permaneceu ali até esmagar o que restava do sonho.

- Isso só pode ser coisa da Detinha! Desde aquele curso de marketing à distância ela se julgava um gênio da publicidade e num rasgo de criatividade tascara um “Parabéns, muitas felicidades?” E além de tudo a fizera pagar por aquilo? Que cara de pau!

Aquela espelunca era uma das poucas possibilidades de compra em épocas de Natal quando enviava presentes aos sobrinhos.

Espumando de indignação, lembrou se que estava atrasadíssima para o trabalho e nem poderia sair para o almoço por conta disso. Certamente doutor Alcides teria uma lista infundável de tarefas para ela como era de costume e nem mesmo tinha ânimo para se levantar do banco.

A frustração era tamanha que cumpriu a ordem do dia mecanicamente. Não teve fome nem sede, não sentiu calor nem frio, nem nada. Só pensava em ir à tal loja. Seria capaz de fazer a Detinha engolir aquele papel todo amassado.

Quase no final do expediente, o bendito do doutor Alcides pediu um processo que ela demorou a encontrar. Depois nem arrumou suas coisas, deixando a mesa em desordem.

Substituiu as sandálias novas por um outro par, surrado mas confortável, tinha sempre no armário do escritório, uma muda de roupa, uma sômbriinha, coisas assim para o caso de alguma eventualidade.

No seu passo desanimado, encontrou o armarinho com as portas fechadas.

Naquela noite, Ana Maria não dormiu... ☀



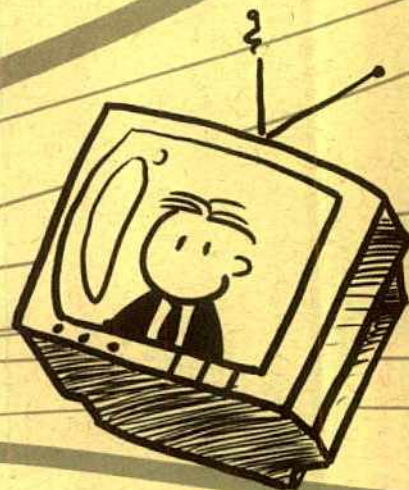
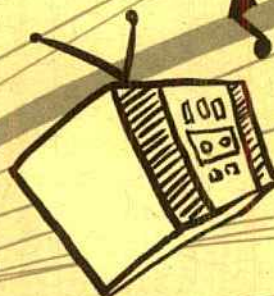
Fábia Tonin é cirurgiã-dentista em Taubaté, SP.



PROPAGANDA

MODERNO

MUNDO



IDEIAS

ARTE!




do it
PROPAGANDA

Av. Costa e Silva, 887 - Sala 05 - Jd. Pólo Centro
(45) 3522.2295 / 3028-3933
www.doitpropaganda.com.br



Kunda

LIVRARIA UNIVERSITÁRIA



- ◆ 50.000 títulos disponíveis
- ◆ Livros raros e importados
- ◆ Livros didáticos e universitários
- ◆ Aceitamos encomendas
- ◆ Condições para estudantes e universitários na entrada escolar
- ◆ Condições para professores

Centro

Rua Almirante Barroso, 1473
85851-010 - Foz do Iguaçu - PR
Fone/Fax (45) 3523-4606
livros@livrariakunda.com.br

Natureza e seus cantos

A trilha de pouco mais de um quilômetro do Parque das Aves chega a ser curta para se apreciar tantos animais.

Durante o trajeto, os apreciadores passam por dentro de viveiros, onde o contato com os animais é total - o que é ideal para tirar belíssimas fotos (sem abusar da aproximação, é claro).

Uma curiosidade é que no Parque das Aves encontramos também répteis, como jibóias, sucuris e jacarés, mamíferos, como sagüis e insetos, como borboletas. Outra, é que o atrativo também serve como refúgio para animais ameaçados de extinção ou que foram vítimas de tráfico. Ano passado, uma sucuri de 6m, carinhosamente batizada de Mônica, ficou "internada" lá, mas foi solta perto da cidade de Guaíra pelo IBAMA e outras entidades.

observações

Horário de Funcionamento:

das 8h 30min às 17h 30min - todos os dias (inclusive domingos e feriados).

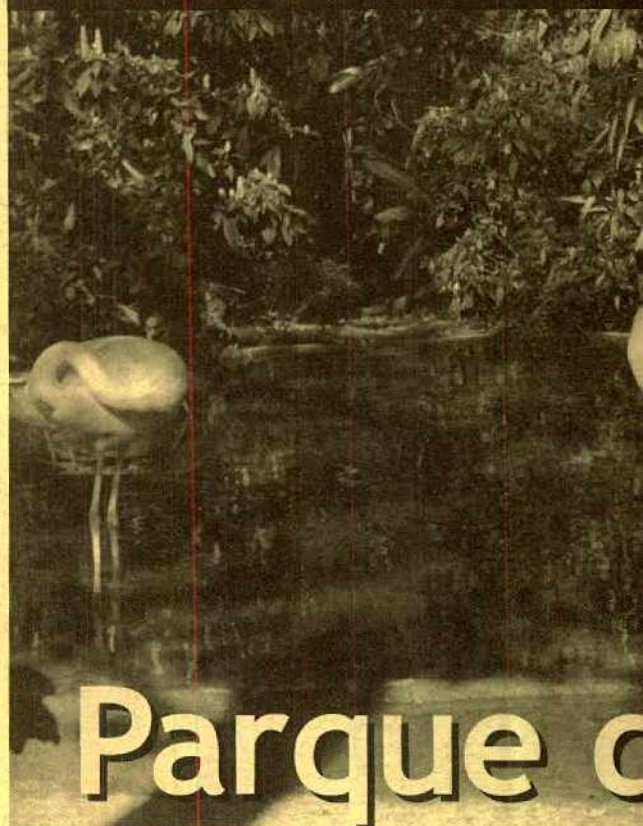
Endereço:

Avenida das Cataratas, Km 17,5, próximo a entrada do Parque Nacional do Iguaçu.

Telefone para contato:

(0xx45) 3529-8282

e'guatá
visitar, conhecer, vivenciar.



Parque

A beleza deste l...
Não tem como não se encantar
de 130 espécies de pássaros

Texto de Leticia Lichacovski. Fotos de Let...

Ônibus:

Linha Aeoroporto (Viação Rafain).
Preço da passagem: R\$2,20

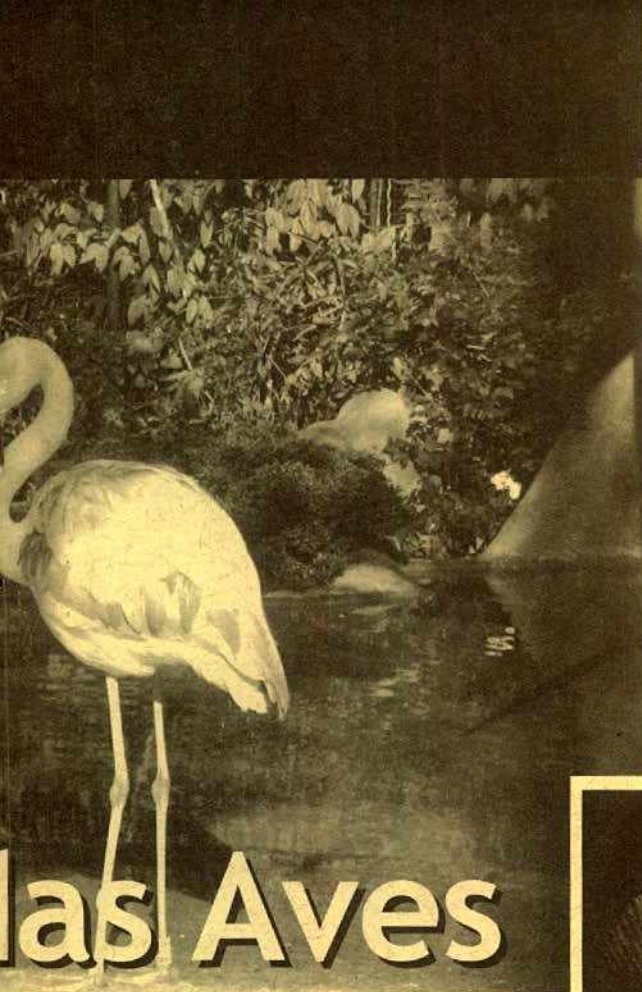
Entrada: R\$18,00 para brasileiros e R\$ 5,00 para morador de Foz. Neste caso, é preciso comprovação de residência. Então, não esqueça da Carteira de Identidade e algum documento como conta de luz, água ou telefone ou o Título de Eleitor.



DICA: As a



ACESSE O SITE WWW.VOTENASCATARATAS.COM E ELEJA AS CATARATAS



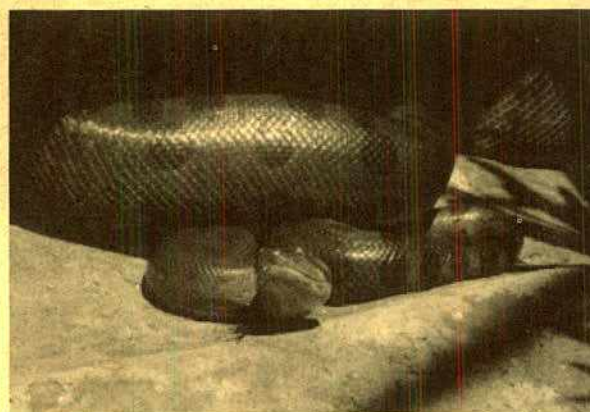
as Aves

gar é óbvia.
ar com as cores das mais
s ou com seus cantos.

cia Lichacovski e Júlio Cesar Fornari

Ao final da trilha, uma despedida: segurar uma arara ou uma jandaia no braço. Um funcionário auxilia e cuida da ave e, claro, do visitante. Uma recordação do passeio que não pode faltar.

Na foto ao lado, a graciosidade dos **flamingos**. Répteis como jacarés e cobras jibóias e **sucuris** também habitam o Parque.



ves são lindas, mas os bicos machucam. É melhor só olhar, não arrisque fazer carinho
DO IGUAÇU COMO UMA DAS SETE MARAVILHAS NATURAIS DO MUNDO!

Gebing

Transportes Ltda.

Fretamento
para roteiros
urbanos
e viagens
intermunicipais.



Pacotes especiais para:

- Escolas
- Igrejas
- Empresas
- Eventos culturais

Tel: (45) 3525 0520
(45) 9926 1231

Foz do Iguaçu - Pr.

uma opinião de

Em defesa da cultura ocidental

Nathalie Husson Granzotto

Parece óbvio dizer que o mundo mudou.

Vamos deixar para os historiadores a datação desta mudança e para os sociólogos a nomeação dela (estamos na Modernidade, na pós-modernidade, na hipermodernidade ou nos tempos líquidos?). A maioria dos intelectuais, cada um nos seus campos de saberes específicos, são capazes de levantar e estudar as manifestações desta revolução ou mutação que está se realizando diante de nossos olhos.

Mas afinal o que mudou?

Talvez o discurso psicanalítico tenha alguma coisa para nos dizer, permitindo uma grade de leitura para entender o mundo.

Resumindo, estaríamos caminhando para uma civilização de tipo matriarcal, selando assim a morte do pai simbólico, num processo que começou antes de 1968, cujas convulsões foram sentidas naquela época. Esse pai, é o que, através da lei da proibição do incesto, instala uma mecânica do desejo baseada na falta.

Estaríamos passando do sujeito do inconsciente que remete a uma ordem simbólica dominada pela linguagem e a lei para um sujeito com o inconsciente esvaziado.

As relações individuais e sociais não

passariam mais pelas manifestações do inconsciente, lugar do recalque que produz, além do sintoma, uma subjetividade definidora de um sujeito, o sujeito da palavra, para dar lugar a um tipo de relações de indivíduo a indivíduo; esse indivíduo se tornaria um objeto descartável (lixo), preso no excesso de gozo idealizado e promovido pela mídia - tomando o lugar do "Grande Outro" - e preso no ciclo da frustração organizado e alimentado pela sociedade de consumo mercantilista sem ideologia e sem freios.

Se Freud alertou no seu *Mal estar da civilização* que a antiga economia psíquica desenvolvia sintomas desconfortáveis para o indivíduo (as neuroses), a nova economia psíquica, a NEP, denominada assim pela psicanalista Charles Melman, não permite também caminhar para o surgimento de um novo Eldorado, um mundo livre dos sintomas.

O fenômeno da euforia do bipolar com o seu preço a pagar, a da depressão ou da fadiga, seria a expressão dessa nova configuração.

Luc Ferry no seu novo livro "Famílias, amo você", tanto como Gilles Lipovetsky com sua "Felicidade paradoxal", quer enxergar o lado positivo da nova evolução societária do individualismo. No entanto, a

maioria dos sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e psicólogos estão mais para denunciar os limites ou os perigos do novo ser que está surgindo. Eles apontam, além do sintoma, as prováveis consequências associadas, dentro de um modelo também marcado pelas promessas ilimitadas da ciência e da tecnologia.

Poderíamos citar, por exemplo:

- O fim da subjetividade levaria a uma massificação dos comportamentos. O aparecimento do homem banal, comum, vazio e superficial acabaria com a diversidade e a riqueza das suas antigas manifestações e produções, reforçado pelo lema "Todos Iguais".

- Esse comportamento seria baseado na compulsão (economia do excesso dos prazeres) com seu corolário contrário (política da repressão).

- Esse comportamento seria do tipo perverso (sem limite e com aniquilação do outro)

- Esse comportamento seria do tipo infantil.

- Esse comportamento seria líquido, sem identidade, sem âncora, mas cheio de angústia.

- Esse comportamento seria assexuado (fim do sexo, fim da diferenciação sexual, embalados com muita ciência para

continuar a corrente da vida humana)

- Esse comportamento seria alienado (fim da política e da democracia para a realização de um sistema totalitário, sem um centro de poder físico)

- Esse comportamento seria da vitimização do indivíduo e da conseqüente irresponsabilidade de seus atos, inflacionando o campo da justiça e do direito, único mediador dos conflitos.

E o que tudo isso tem a ver com a literatura ou as artes de modo geral?

Esse sujeito-objeto banalizado com o inconsciente reduzido, desprovido de uma linguagem simbólica (para trocá-lo por uma linguagem tecno-digital, dos números) não seria mais capaz de produzir elaborações intelectuais sofisticadas, nem refletir. Esse novo ser seria homogeneizado e livre da dor e do sofrimento, conforme a promessa de felicidade explícita nos best-sellers de auto-ajuda dos novos gurus de plantão. Ora, essa dor e esse sofrimento (diferente da loucura) não estariam na base de todo processo criativo e artístico? Na nova configuração, só pode dar lugar a uma cultura descartável (do lixo), sem produção válida para a humanidade, quer dizer, sem poder dar sentido à existência dos pobres seres humanos que somos e de realmente

guiar nossas vidas.

É o tal fim das grandes narrativas lançado por Jean François Lyotard, numa liquidação do passado e da tradição, enquanto foram os mitos que organizavam as leis fundamentais a ser respeitadas dentro da sociedade; talvez hoje o cinema mais do que a literatura dê conta desta transmissão.

Assim como todas as invenções (uma dela no campo das idéias: o amor) e criações artísticas são ilusões para tampar o buraco criado pela falta.

Charles Melman avisa no seu livro de entrevistas "O homem sem gravidade": "A existência do inconsciente é um antídoto à desumanização".

E o sujeito do inconsciente, do recalque e da palavra que produziu mais de 2000 anos de cultura ocidental na forma que a gente conhece, na música, na pintura, na literatura?

Vamos arriscar de ver desaparecer essas formas conhecidas pois parece que a cabeça de nossos filhos vai ser incapaz de entender, apreciar, se deleitar com o conteúdo de tais obras?

Vamos arriscar de perder o belo inútil (ou seja, a arte) que nos faz humanos e vivos? ☀

Fontes bibliográficas

- 1 - Charles Melman, O homem sem gravidade, gozar a qualquer preço, entrevistas por Jean-Pierre Lebrun, Companhia de Freud
- 2 - Toda a obra de Zygmunt Bauman (sobre a noção de liquidez)
- 3 - Luc Ferry, Famílias, amo você, Editora Objetiva
- 4 - Gilles Lipovetsky, A felicidade paradoxal, Editora Companhia das letras
- 5 - Toda a obra do romancista francês Michel Houellebecq (sobre a liquidação do sexo)
- 6 - Jean- Francois Lyotard, A condição pós-moderna, Editora Jose Olympio



Nathalie Husson Granzotto é empresária do ramo editorial em Foz do Iguaçu, Pr.

**Impressão digital
laser colorida
Encadernações**

**Crachás
Cópias**

**Til
Reprografia**

til@tilreprografia.com.br
3027 5907 | Av. Paraná 960
www.tilreprografia.com.br



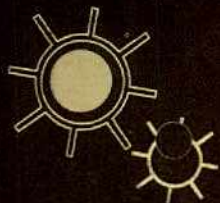
A impressão que faz a diferença

placas - faixas - painéis
fachadas - luminosos
plotagem
impressão digital
sinalização para eventos
totens - letra caixa
personalização de frota

3027-4459

Tracus@zipfoz.com.br

Quintino Bocaiúva, 887
Foz do Iguaçu, Pr.



olhos

20 *escrita*

babe cola

Fotografia digital de Júlio César Fornari,
músico e cineasta em Foz do Iguaçu, Pr.

conto do estranho oque, nse



Como sentir-se um peixe fora d'água sem nem mesmo saber nadar. Um estranho no ninho sem saber voar ou bater as asas. É estranho pensar quais seriam as razões para um sentimento de inadaptação sem saber a sua origem ou natureza. Certamente vens de outro lugar, de uma fonte desconhecida, de um ambiente que traz saudades e nostalgia sem sequer entendê-lo. Mas saudades do quê, de que, de onde. Simplesmente saudades. Saudades de um tempo, perdido no espaço, de uma atmosfera, de um grupo presente em uma memória subconsciente e substancial. Essa sensação afoga, martiriza e revolta. Rebeldia vazia que incita a um vazio existencial, de uma melancolia e de um banzo consciencial. É como se ouvisse línguas estranhas, de pessoas esquisitas, lendo pensamentos obsoletos de gente controversa cheia de atitudes incompreensíveis. Ser um estrangeiro na terra de ninguém é subjetivo. De que adianta entender a coletividade e não aceitá-la. Entender e com-

ficção de pedro lichtnow

preender o enredo, mas não entender posturas impróprias, imaturas e incoerentes. O erro estaria em entender os padrões ou em não aceitá-los (interrogação). Não é fácil ser lançado à cova dos leões, conviver com os lobos e fingir não conhecer as artimanhas de raposas. Talvez esteja aí a evolução. Viver e sobreviver com a diversidade, num plano diferente, intrínseco e limitado, sem perder a origem, os filamentos da própria natureza e do próprio microuniverso existencial. Não saber lidar com isso ou conviver com a raça, de certa forma, soa arrogância e prepotência de um ego ainda imaturo. É estranho pensar de forma estranha. É estranho sentir de forma estranha e enxergar de formar estranha. Seriam loucos os que pensam assim ou lúcidos ao analisar o contexto de uma maneira diferente e absurda em outros paradigmas mais amplos e cósmicos (interrogação). Certo é que cada um é um universo e que as verdades, as relatividades, as estranhezas e as certezas pertencem a cada consciência.



Pedro Lichtnow é jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

KUMON™

ATH. READING. SUCCESS.

**Um estudo eficaz
e independente
para seu filho.**

Matemática e Português

**3,9 milhões de alunos
em 44 países**

**Fones: 3523-2535
8801-2363**

Unidade Maracanã
Rua: P. Venanti Otembra, 107
Foz do Iguaçu - Pr



Sigilu's

contabilidade e assessoria Ltda.

Fone: (45) 3523.5886

e-mail: sigilus@foznet.com.br
Rua Rui Barbosa, 361, Centro
Foz do Iguaçu, Paraná

System

**Manutenção
de computadores**



(45)9942.3350

raphaelbessoni@hotmail.com

O ciclista

Difícil foi esconder a bicicleta. Acabou achando um espaço no porão, atrás do tampo de uma mesa desmontada. Seus filhos já não entravam mais ali, a mulher tampouco – despejo de cacarias, lustres e móveis quebrados, garrafas, jornais velhos.

Reluzente, coberta por um pano, a bicicleta prometia-lhe aventuras inusitadas no seu poeirento esconderijo.

Nunca aprendera a andar. A mulher sempre zombou – jamais conhecera alguém que não soubesse andar de bicicleta. Escarnecia-o diante dos filhos e chegou mesmo a humilhá-lo quando ele se propôs a ensinar o mais velho, então com cinco anos, a pilotar a máquina que ganhara da avó. “Vai ensinar a ele o que você não sabe? Ridículo!”

Vingou-se da humilhação exibindo o novo ciclista com um perfeito domínio da máquina. A mulher negou-se a reconhecer-lhe o mérito. Quando o filho mais novo, através de sua mão paciente e segura, adquiriu também ele a mágica noção do equilíbrio sobre duas rodas, a mulher foi mais rude: “Por que não deixou que ele aprendesse sozinho? Teria sido mais fácil”.

Engoliu a ofensa em silêncio. Passaram-se os anos e ele pareceu esquecer. Os filhos cresceram, trocaram suas bicicletas por namoradas e carros, seguiram suas vidas. Restando-lhe a mulher e uma confusa sensação de inutilidade. Foi então que teve um sonho premonitório. Sonhou que pilotava uma bela bicicleta azul, velozmente, pelas ruas do bairro. Reviu o portão da casa do cônsul, os muros de ardósia, o grande cipreste na esquina. O telhado e sua própria casa, de um verde já desbotado, e a negra faixa de asfalto ao fundo. Sentia o vento lambe-lo seu peito e a gloriosa sensação

de liberdade – o passado, a idade, tudo ia ficando pelas esquinas, para trás. Acordou deliciado, um leve torpor nas pernas de tanto pedalar. Dissimulou tão bem sua felicidade que a mulher, na mesa do café, achou-o meio triste e mais calado que de costume. Talvez por essa razão não reclamou quando ele avisou que precisava ir até a cidade resolver alguns negócios.

Convenceu o vendedor que precisava da bicicleta logo de manhãzinha. Não fazemos entrega tão cedo, tentou ponderar o rapaz. Fale com seu gerente, insistiu ele. A bicicleta acabou sendo entregue às sete da manhã seguinte – ele esperava no portão, no nicho previamente preparado. Cobriu-a com um pano, colocou de volta o tampo e subiu para o café. Pôs a água para ferver e foi fazer a barba. Suas mãos tremiam. A mulher ainda não acordara.

No dia seguinte, despertou às seis em ponto. Escolheu uma roupa leve e uns sapatos esportivos. Serviu-se de um copo de leite na cozinha e foi tomá-lo à porta do quarto. Na penumbra, a mulher dormia de boca aberta. Ficou ali um minuto ou dois, dando pequenos goles, retendo o líquido gelado na boca antes de engolir. fechou a porta e saiu.

Professor e aluno a uma vez só, encostou a bicicleta no meio-fio e, antes de montar, certificou-se de que não havia nenhum vizinho à espreita. Apoiando o pé direito na guia da calçada, deu um pequeno impulso para frente, mas não chegou a colocar o outro pé no pedal. Seu coração acelerou-se e tentou novamente.

Na terceira tentativa conseguiu meia pedalada e só por sorte não foi ao chão; susteve a bicicleta inclinada entre as pernas abertas, chocando o pedal contra a panturrilha. Foi descendo a rua aos trancos e quando percebeu que se afastara uns duzentos metros do portão de casa decidiu que era hora de voltar. Calculou que a última tentativa lhe rendera uma pedalada completa e uns quinze metros percorridos sem apoio.

Voltou na manhã seguinte e nas outras manhãs. Sua primeira queda ocorreu no terceiro dia: feriu o joelho esquerdo e ambos os cotovelos. Quando sentou-se para o café, descobriu um corte ardidado junto ao pulso. A bicicleta nada sofrera na sua bela cor azul. A mulher achou-o corado e bem disposto. Depois reclamaria das manchas de mercurocromo no piso do banheiro.

O fim de semana amanheceu chuvoso e ele resolveu não se arriscar. Antes do almoço de domingo, insinuou-se no porão e foi dar uma olhada na companheira. Retirou o pano que a ocultava e fitou-a ternamente. Amanhã passa essa chuva, sussurrou e voltou a cobri-la. À tarde, afastou-se das tias que visitavam a mulher e subiu para o quarto. Há muito que se sentia invisível na casa, principalmente depois da saída dos filhos. Limitava-se a sorrir para as visitas, quase sempre visitas da mulher, enquanto sua cabeça viajava para longe. E elas nunca lhe exigiam mais que isso – um sorriso tolo e apagado. Tinha agora um motivo adicional para se furtar às conversas sobre doenças e parentes remotos. Clandestina no porão, amante amantíssima, a bicicleta azul – seu pacto secreto com a vida. Abriu o guarda-roupa, subiu nos pés da cama e procurou no fundo do maleiro pela velha mochila. Separou uma toalha de banho, algumas roupas, um abrigo de chuva. Guardou tudo na mochila e voltou a descer. As velhas tias estranharam sua amabilidade ao se despedirem. A mulher ligou o televisor e só abriu a boca para se queixar do tempo na hora de dormir.

Ainda caía uma garoa fina quando a segunda-feira clareou. Ele desceu o porão, retirou o pano e pela primeira vez observou o efeito das gotinhas d'água sobre o azul reluzente. Desta vez não se apoiou no meio-fio. Pedalou com determinação e percebeu, maravilhado, que os dois dias de abstinência tinham eliminado todas as dificuldades entre ele e sua máquina. Flutuava sobre as duas rodas – e a bicicleta lhe respondia com entusiasmo a cada giro vigoroso do pedal. Lamentando não encontrar nenhum vizinho, contornou o quarteirão. Quando passava diante de casa, reduziu a velocidade na esperança de que sua mulher surgisse à janela. repetiu o mesmo trajeto algumas vezes, até que finalmente dobrou à direita e mergulhou em direção à estrada que se abria logo adiante. ☀



Jamil Snege era escritor e publicitário em Curitiba, Pr.

O conto "O ciclista" foi extraído do livro "Os verões da grande leitoa branca" (Travessa dos Editores, 2000)



**Malhas de algodão
e fios diversos
Estamparia em
serigrafia e bordados**

**Camisetas
Camisas pólo
Moda feminina**

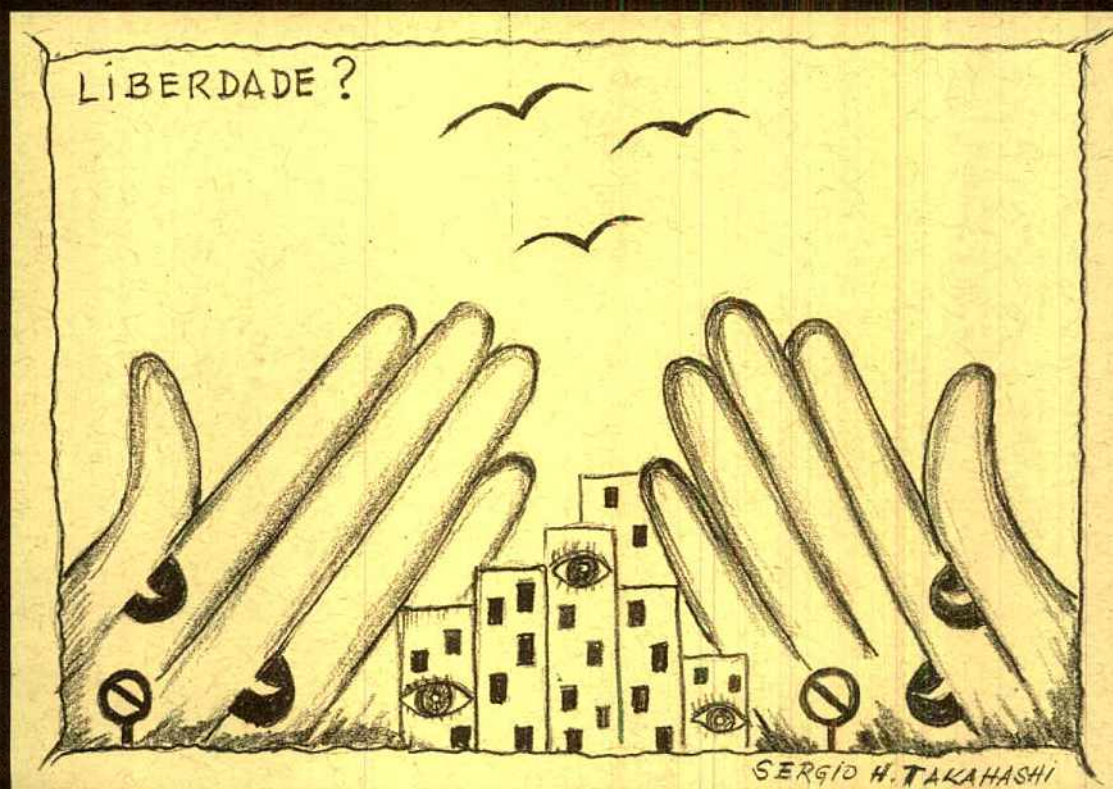
Atacado & Varejo

**Confeccões
por encomenda
e de pronta entrega**

**45 3525.1829
9963.1636**

**Rua Capivari, 632
Conjunto Libra I
Foz do Iguaçu, Pr
cicera.a@hotmail.com**

SOLTO



liberdade?

Desenho de Sérgio Takahashi, comerciante em Foz do Iguaçu, Pr.

Estrangeiro na Fronteira

(em homenagem às mulheres que perderam companheiros e filhos para o tráfico)

Olhei pra rua e vi...

Mesmo do segundo andar, percebi que os fantasmas que acompanhavam aquela moça tentavam acabar com ela antes de chegar à fronteira. Dois deles. Ágeis, manhosos e que sabiam onde cutucar. E as chagas eram tantas... Feridas recentes conquistadas em tão poucos anos. Mesmo com um corpo grande e leitoso, os vitrais eram frágeis, voláteis... Sensíveis a ponto de vibrar furiosamente com as ondas musicais de Lou Reed como lâminas afiadas que atingiam o cérebro e percorriam os ossos, chegando às cavernas daquele velho músculo que bombeia sangue arterial e venoso. Um dos espectros, o maior, usava as palavras gravadas na memória dela para tentar mantê-la atrelada à história mentirosa que viveram juntos durante meses tão escassos que se arrastaram até a represa onde somente ele conseguiu atravessar. O cara tinha o corpo disforme, dividido em partículas de hipocrisia que cruzavam facilmente os filtros da barragem. Pior, ia e voltava como quem contrabandeia frases feitas sem perceber que ela o via agindo ilegalmente.

(Apaixonar-se é permitir que o outro erre diante de seus olhos...)

A outra sombra tinha uma imagem angelical. Querubim em dia de chuva e sol. Mesmo assim, com a inocência costurada em seu lençol amarelado, era ele quem enfiava o dedo na ferida com violência. Sem querer... Sem entender porque doía tanto sua proximidade junto aos braços dela. Mesmo de longe dava pra ver que o espírito daquele niño que tropeçava sobre os próprios passos

um conto de emerson dias

era acompanhado pelos olhos cientes que nunca o colocará em seu colo, que nunca dará seu peito para sugar leite. O rosto do garoto não possui formas familiares, mas linhas pontilhadas que já foram preenchidas milhões de vezes na mente dela. A mulher não sabe o tamanho do rebento nem a cor dos olhos ou a força dos músculos e muito menos se os cabelos são lisos ou encaracolados. Mas sabe a idade dele, dia após dia, mês após mês, um calendário vivo que a persegue desde que decidiu não aceitá-lo, que o havia perdido na briga eterna que tem com a fronteira. Desde então é um fantasma que cresce na sua cabeça, um ser que caminha ao seu lado sem poder ouvir as desculpas de alguém que insiste em martirizar-se culpada.

Não posso descer agora... Tá frio e chuvoso e os passos dos três são rápidos. Prefiro vê-la se esforçando para proteger o moleque da garoa enquanto empurra o outro para o meio da rua, tentando jogá-lo embaixo de um caminhão, matá-lo pela milésima vez...

Mas ele não morre... Mesmo porque ela, lá no fundo d'alma, também não deseja que isso aconteça. Precisa dividir, mesmo com alguém que não quer mais, a dor de não ter decidido antes da evolução, antes das mórulas e blástulas. Antes de ter descoberto o sentido da existência dos homens sobre a terra: caminhar olhando sempre pra trás.

Daqui a pouco será minha vez de levar fantasmas pra um passeio. Cruzar a fronteira oferecendo propina à morte e ao futuro nebuloso, na esperança de poder voltar algum dia para os braços da infância inocente que tive. ☀

● Emerson Dias é jornalista e professor universitário em Londrina, Pr.

carlos luz

sobre presenças e ausências

tese poemática

poema: “e” é igual a “eme” “ce” ao quadrado,
ou “a” é igual a “e” sobre “te” que, por sua vez, é igual a zero,
ou ainda, as teses científicas não explicam as teses poéticas, e nem vice-versa...

presença e ausência são conceitos relativos
einstein! poeta atômico...
“e” deve ser igual a “eme” “ce” ao quadrado
e eu não duvido disso...
mas quebrar átomos
como você mesmo citou, não é difícil
difícil mesmo é quebrar conceitos...
como ultrapassar a barreira da presença e da ausência?
se espaço e tempo são fatores reais e não especulativos?
talvez um outro conceito, irrelevante ou anulado
pelas atuais relações humanas
possa resolver a equação enigmática...
não de maneira exata, nem biológica, mas humana...
porque, talvez, seja esta a ciência
que o homem deva encontrar, de forma evolutiva...

$a = t/e = 0$

quando “a” for de amor
(no meu caso “a” é de minha musa: sou poeta, não cientista)
“te” de tempo e “e” de espaço...
quando há amor, o tempo e o espaço são inexistentes...
mas somente sob a condição do amor
estar à flor da pele e, no caso,
ser a incógnita a ser vivida
sempre de forma poética e transbordante...
a ciência traz o conhecimento
mas existem conhecimentos que fogem à ciência...
a incógnita “a” é uma referência disso...

ausência é quando
mesmo de corpo presente
o futuro já foi enterrado vivo...

presença é quando
impossível o estado físico
só nos resta tocar o sentimento...

visita pascal

uma petúnia violeta distrai a tarde
enquanto as senhoras brincam com o tempo
já que a ausência não é um estado material
nada de sólido parece permanecer presente
e sob o sol, a liquidez da eternidade se evapora...

a petúnia violeta está em paz
absorta como as senhoras floridas
derramadas em seus vestidos pascais
esperando que o domingo se finde
para outro dia se gaseificar e se esvaír...

amanhã não verei a petúnia violeta
e tampouco estarei com as senhoras
mas a ausência não será maior... nem menor
será a mesma... ou não será
a ausência não está relacionada à condição...

nem à petúnia, ou à tarde, ou ao sol
a ausência está relacionada à vontade
mas, que as vezes, pode se tornar condicional...



Carlos Luz é jornalista e poeta em Foz do Iguaçu, Pr.

nui

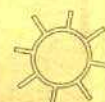
As fotos são detalhes da instalação
"NUI" (mulher em chinês),
da escultora **Maria Cheung**.

A artista propõe uma reflexão sobre a condição
da mulher inspirando-se nas mulheres
chinesas do século XIX, que tinham
os pés mutilados, enfaixados que eram desde
a infância para não crescerem.

Um sacrifício que, além de fetiche sexual,
representava a submissão e clausura feminina,
frágeis que eram para se locomover livremente.
Na instalação, os pés cerâmicos são ícones
da dor e da condição feminina.



Maria Cheung é escultora em Foz do Iguaçu, Pr.



olhos

escrita 27



CURSO DE PINTURA & DESENHO

artista plástico
rogerio silva

Agende horário pelos telefones
(45) 99157890 30284292

visite: <http://rogeriosilva2.blogspot.com>
email: rogerioartes@yahoo.com.br



ADVOCACIA

Criminal - Cível - Trabalhista

Fone: (45) 3027.1779

Av. Brasil, 531, Sala 54,
Gal. Center Abbas, Foz do Iguaçu, Pr.

Oficinas da Casa



CASA DO TEATRO

A arte em boa companhia!

(45) 3572.1473

SERÍGRAPHOS Serigrafia

**Fones: (45) 3529.6392
9117.6097**

mauricio_serigraphos@hotmail.com

Brasil Mãe

Vivian Renata Magalhães

Nesse país mãe,
Mãe dos filhos famintos e dos insaciáveis
ingratos.

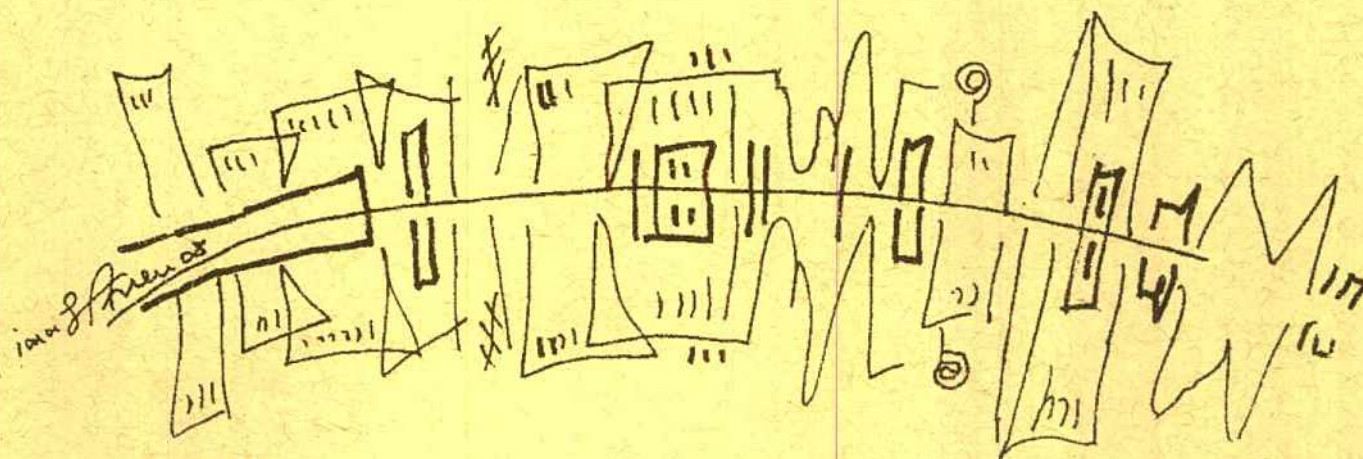
Nesse país onde a justiça nos cega,
Onde o egoísmo e a ambição,
O carnaval e o futebol reinam.
É aqui que morrem de fome, de miséria.
Tiram das mãos dos pais trabalhadores,
O pão.

O poder, a riqueza de poucos.
Oh! tamanha desigualdade, revoltante.
O que fazem os cidadãos "Coragem"?
Se calam após gritarem em vão.
A voz mais alta vem do alto, do topo,
Que diminui, penetrando ao chão,
As palavras revoltadas, inconformadas.
A realidade, só verdade?
Fingem não ver ou nem saber,
Que aqui se trabalha sem se receber.
Fé, motivação dos que vivem esperando a
morte,

Descanso da vida!
Mesmo com guerras, violência,
Esperança perdida,
A fé move velas e toca o barco adiante.
- Vai em frente pescador, marinheiro ou
capitão,
Que essas águas também nos pertencem.

☀ Vivian Renata Magalhães é escritora em Jaú, SP.

Iara Abreu & Nela Rio
aspectos urbanos



LA CIUDAD AL REVÉS

¿Cómo mirar la ciudad
ésta y la otra,
almas mojadas por el aire?

Un sueño vigilante, un instante ensordecido,
asentándose, como al descuido,
en esta calle o la otra.
No hay puentes ni claras fechas
sólo un derrumbe cotidiano
en este pasar que asombra, verticalmente.

Ciudades paralelas.
la de entonces, la de ahora,
respirando sueñan,
como al pasar seduciendo
sumergiendo, disfrazando,
realidades transitorias.
Todas ellas sorprendidas
llenas de imágenes, diferencias, nostalgias
y yo aquí, descifrándolas,
abrazando inocencias sin penumbras.



Iara Abreu é artista visual em Belo Horizonte, MG. A poeta Nela Rio é argentino-canadense.

A parceria entre as duas faz parte do projeto "Aspectos Urbanos"
que Iara mantém em Belo Horizonte, ilustrando e expondo a arte de poetas do mundo inteiro.

um toque

Paulo Bogler

Estado e cultura

Metade das cidades brasileiras não possui estabelecimentos de cultura como teatros, bibliotecas ou cinemas. Entre todos os municípios da nação, 1.560 não dispõem de patrocínio público para produtos e serviços culturais. Os dados são do estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), destinado a aferir a presença do Estado nos municípios e estados da federação, entre serviços, bens e equipamentos públicos existentes em cada localidade.

O levantamento, intitulado *"Presença do Estado no Brasil: Federação, suas Unidades e Municipalidade"*, que acaba de ser lançado, demonstra a insuficiência de investimentos do poder público na preservação, na formação e na circulação das expressões culturais e artísticas.

Esmiuçando dados e informações de ministérios e instituições públicas, o Ipea indica que apenas 16,3% dos 5.564 municípios têm museus ou salas de espetáculos. Outro dado revela a baixa oferta de bibliotecas para a população, apontando a incidência de um equipamento

para cada grupo de 26,7 mil brasileiros.

Há ainda a notar que o estudo apenas comprova a existência ou não dos equipamentos e serviços, sem medir os respectivos níveis de qualidade, quantidade e efetividade, tampouco, as modificações verificáveis na realidade de atuação das intervenções estatais.

Olhando para o estudo do Ipea, que reforça diversas estatísticas com o mesmo enfoque e de resultados semelhantes, não é muito dizer que o desenvolvimento do Brasil, seja do ponto de vista humano, social ou econômico, passa por profundos investimentos estatais neste setor. Sem isso, o país não conseguirá reduzir os desequilíbrios que comprometem a qualidade e o modo de vida das pessoas. As diferenças sociais, pois, também se expressam por meio dos indicadores de consumo e de produção cultural de um povo.

No bojo das reformulações de leis e programas reivindicados pelos produtores culturais, com o objetivo de ampliar e aperfeiçoar os mecanismos de fomento existentes no país, é necessário a elevação dos recursos públicos destinados para a cultura, que atualmente não atingem 1% do orçamento federal.

De outra forma, o país não será capaz de superar as amarras que o remetem ao passado, reprodutoras não somente de miséria material, como também de pobreza de espírito.

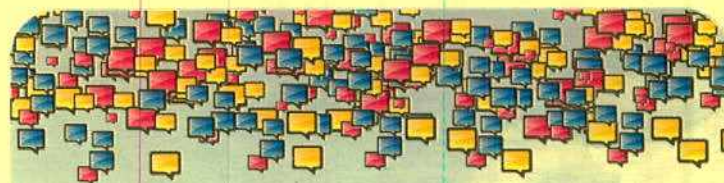


Paulo Bogler é produtor cultural em Foz do Iguaçu, Pr.



Um voo de boa música e descontração

Reservas pelo tel.: (45) 3523.18
Rua Major Raul de Matos, 222, Vila Yolanda, Foz do Iguaçu, Pr.



**Existem gráficas e gráficas
mas só uma é **IDEAL**.**



45 3523 7176 / 3028 7176
graficaideal@compubras.com.br



Óticas Lunelli

VISÃO COM ESTILO

4 lojas em Foz



Fone: (45) 3028-1178

Av. Brasil, 720 - Centro
85851-000 - Foz do Iguaçu - PR

Fone: (45) 3028-4415

Rua Almirante Barroso, 1523 - Centro
85851-010 - Foz do Iguaçu - PR

Fone: (45) 3028-0710

Rua Quintino Bocaiuva, 710 - Centro
85851-130 - Foz do Iguaçu - PR

Fone: (45) 3574-4414

Av. Brasil, 1020 - Centro
85851-000 - Foz do Iguaçu - PR

Natal e Ano Novo em Foz do Iguaçu.



Cataratas do Iguaçu



Usina de Itaipu

Quer começar 2010 com muita energia?

O fim do ano já está aí, e com ele o desejo de comemorar com a família o Natal e o ano novo em um lugar muito especial. Dessa vez, venha para Foz do Iguaçu, um dos destinos brasileiros mais procurados por turistas do mundo todo. Atrações como as Cataratas do Iguaçu, Usina de Itaipu, Parque Nacional do Iguaçu, ecoturismo, compras, gastronomia e hotéis de padrão internacional esperam por você para receber 2010 com muito estilo. Nestas festas de fim de ano, venha para Foz do Iguaçu. Aqui tem muita coisa para ver e fazer. Muita mesmo.



Informações: 0800 45 1516 | www.fozdoiguacudestinodomundo.com.br